
OS ATLAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O ESTADO DO CONHECIMENTO NO BRASIL NESTE INÍCIO DE SÉCULO (2001-2020)

ATLAS IN TEACHING GEOGRAPHY: THE STATE OF KNOWLEDGE IN BRAZIL AT THE BEGINNING OF THE CENTURY (2001-2020)

ATLAS EM LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: EL ESTADO DEL CONOCIMIENTO EM BRASIL A PRINCIPIOS DE SIGLO (2001-2020)

José Vitor Rossi Souza¹

João Pedro Pezzato²

Christiane Fernanda da Costa³

RESUMO: Os atlas possuem grande potencial para a compreensão do espaço geográfico por meio de sua representação. Considerando essa relevância, adotou-se os referenciais teóricos e metodológicos da pesquisa do tipo estado do conhecimento com o objetivo de traçar um panorama das publicações sobre atlas escolares no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI. Utilizando o Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e documentos das edições do Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares, foram selecionados os trabalhos relativos aos atlas entre 2001 e 2020. A partir da investigação, ficou evidente as contribuições desse material no aperfeiçoamento técnico-cartográfico, o avanço na diversificação metodológica das publicações e o desenvolvimento de novas perspectivas sobre os atlas, com destaque para os atlas municipais. Além disso, a pesquisa possibilitou registrar que toda a produção é originária de instituições públicas (estaduais ou federais) e que manteve uma continuidade ininterrupta nos últimos anos.

Palavras-chave: Atlas. Cartografia escolar. Estudo do lugar. Estado da arte. Teses e dissertações.

ABSTRACT: The Atlases have great potential for understanding geographic space through its representation. Considering this relevance, the theoretical and methodological frameworks of the state of knowledge research were adopted in order to outline an overview of publications on school atlases in Brazil in the first two decades of the 21st century. Using the Digital Bank of Theses and Dissertations and documents from the editions of the Cartography Colloquium for Children and Students, works related to the atlases between 2001 and 2020 were selected. From the investigation, the contributions of this material in the technical-cartographic improvement

1 Mestrando em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro (SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4592-287X>. E-mail: jose.rossi@unesp.br.

2 Professor do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro (SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9523-0954>. E-mail: joao.pezzato@unesp.br.

3 Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e professora da Rede Municipal de Ensino de Rio Claro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3579-7999>. E-mail: chrisferpedagoga@gmail.com.

Artigo recebido em abril de 2021 e aceito para publicação em junho de 2021.

were evident, the advancement in the methodological diversification of publications and the development of new atlas perspectives, with emphasis on the municipal atlases. In addition, the research made it possible to register that all production originates from public institutions (state or federal) and has maintained an uninterrupted continuity over the last years.

Keywords: Atlas. School cartography. Study of the place. State of art. Theses and dissertations.

RESUMEN: Los atlas poseen un gran potencial para comprender el espacio geográfico a través de su representación. Teniendo en cuenta esta relevancia, se adoptaron los marcos teóricos y metodológicos de la investigación de tipo del estado del conocimiento con el objetivo de trazar un panorama de las publicaciones sobre atlas escolares en Brasil en las dos primeras décadas del siglo XXI. A partir del Banco Digital de Tesis y Disertaciones y documentos de las ediciones del Coloquio de Cartografía Infantil y Escolar, se seleccionaron trabajos relacionados con los atlas entre 2001 y 2020. A partir de la investigación, quedaron evidentes las contribuciones de este material para el perfeccionamiento técnico-cartográfico, el avance y diversificación metodológica de las publicaciones y el desarrollo de nuevas perspectivas de atlas, con énfasis en los atlas municipales. Además, la investigación permitió registrar que toda la producción tiene origen en instituciones públicas (estatales o federales) y que ha mantenido una continuidad ininterrumpida en los últimos años.

Palabras clave: Atlas. Cartografía escolar. Estudio del lugar. Estado del arte. Tesis y disertaciones.

INTRODUÇÃO

A revalorização dos atlas no ensino de Geografia está associada com a importância da linguagem cartográfica e dos seus atributos empregados na produção de mapas e gráficos, fundamentais na comunicação dos conhecimentos geográficos selecionados pela cultura escolar. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é o de apresentar um panorama das publicações que envolvem temas referentes aos atlas escolares no ensino de Geografia.

Para essa empreitada, foi realizada ampla pesquisa bibliográfica e, em especial, consultado o Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), que concentra trabalhos publicados recentemente no Brasil, de diferentes universidades (públicas ou privadas). A metodologia empregada tem como base a pesquisa de tipo estado da arte, ou estado de conhecimento, que selecionou o *corpus* da investigação encontrado no período de 2001 a 2020.

Diante disso, o artigo está estruturado em quatro partes: na primeira é realizada uma discussão metodológica sobre as pesquisas do tipo estado da arte e estado do conhecimento. Na segunda, uma análise sobre as relações entre atlas e Geografia, mais especificamente apontando as contribuições dos atlas escolares e municipais para o ensino de Geografia. Já na terceira, apresenta-se uma sistematização das publicações das últimas duas décadas, referentes aos atlas, no caso das teses e dissertações. O mesmo é feito na quarta seção para, respectivamente, os artigos ou pôsteres de eventos voltados para as temáticas do ensino de Geografia e da Cartografia escolar, como é o caso dos Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares. Ficará evidente, em cada uma das partes, dois momentos da análise da produção bibliográfica: inicialmente a apresentação de dados quantitativos para responder às perguntas quando, onde e quem. E, em um segundo momento, uma análise qualitativa dos trabalhos, respondendo às perguntas “o quê” e “o como” (FERREIRA, 2002).

UM ITINERÁRIO PARA O ESTUDO DA TEMÁTICA “ATLAS ESCOLARES” EM TESES E DISSERTAÇÕES

Os trabalhos envolvendo aquilo que é nomeado por estado do conhecimento ou estado da arte, entre outros desígnios, estão se tornando cada vez mais frequentes nas pesquisas acadêmicas, o que pode ser explicado por vários motivos. Esse tipo de investigação pode objetivar a sistematização do conhecimento já produzido; servir como ponto de partida para o desenvolvimento de outros temas no campo, utilizando como referências as produções anteriores para promover a inovação; encontrar, através de uma revisão bibliográfica, as aproximações e divergências nas abordagens de diferentes temáticas; evidenciar tendências dos enfoques sobre um assunto ou até mesmo registrar a história de determinada área do conhecimento.

Considerando um período significativo de produção acadêmica, que no caso desse trabalho refere-se a um recorte temporal de vinte anos, os quais correspondem às duas primeiras décadas do século XXI, e utilizando como prisma as pesquisas referenciadas no estado de conhecimento ou estado da arte, será apresentada uma visão geral sobre a produção bibliográfica a respeito de atlas em seus diferentes matizes. O intuito de uma análise como essa é apresentar, retomando os objetivos desse tipo de pesquisa, um panorama sobre as publicações que envolvem o ensino de Geografia e a Cartografia escolar a respeito desse tema. Inclusive, é sempre importante proceder a sistematizações desse tipo a fim de contribuir, concordando com Romanowski e Ens (2006), para a organização e definição de um campo de pesquisa e a identificação dos aportes teóricos e metodológicos para a prática pedagógica, tal como a realização de um diagnóstico de temas relevantes, emergentes e recorrentes nas pesquisas que envolvem estudo dos atlas.

Essa tarefa se justifica, para além dos motivos apresentados, porque também contribui para embasar pesquisas e publicações posteriores, que podem ser feitas nas décadas subsequentes, sobre esta temática. Isso porque, ao empreender uma pesquisa, principalmente para os iniciantes em um tema é fundamental conhecer as produções a ele afetas, como um ponto de partida para a execução de um novo projeto, não necessariamente inédito.

Para isso, foram escolhidos os referenciais metodológicos conhecidos como estado de conhecimento, conforme descritos por Romanowski e Ens (2006) e por Vosgerau e Romanowski (2014), como forma de garantir uma análise sistematizada para este trabalho, apesar de assumirmos algumas limitações desse tipo de pesquisa, as quais até mesmo seus praticantes buscam evidenciar. Dada a dificuldade em encontrar e ler todos os materiais, a compreensão sobre o que eles tratam pode ser feita através dos resumos. No entanto, seguindo esse caminho, é possível contar apenas uma das várias trajetórias, já que, concordando com Ferreira (2002) “haverá tantas histórias sobre a produção acadêmica quantos resumos (de uma mesma pesquisa) forem encontrados.” (FERREIRA, 2002, p. 269). Inclusive, os resumos podem não ser fidedignos, nem metonímicos.

Mesmo considerando todas essas limitações, acreditamos que esse gênero de estudos do tipo estado da arte contribui para identificar aportes teóricos e metodológicos para a prática pedagógica, identificar lacunas, reconhecer metodologias/técnicas utilizadas nas pesquisas, proporcionar uma “visão geral” sobre a produção em determinada área do conhecimento e apontar novas perspectivas (ROMANOWSKI; ENS, 2006). É isso o que pretendemos aqui, afirmando também as limitações e as possibilidades outras para desvendar esse caminho temático.

Até mesmo a escolha do tipo (estado de conhecimento) pode ser justificada pela diferenciação importante feita por Romanowski e Ens (2006) entre “estado da arte” e “estado de conhecimento”: o primeiro se refere ao estudo de toda produção bibliográfica de uma área de conhecimento (resumos de dissertações/teses, produções em congressos e publicações em periódicos), enquanto que o segundo está ligado com o estudo de apenas um setor das publicações sobre o tema. Desse modo, pelo fato de algumas publicações não terem sido contempladas, escolhemos denominar essa pesquisa de estado de conhecimento, ainda que ela não se refira apenas a um tipo de publicação.

Consideramos como um bom exemplo de pesquisa desse tipo, no que se refere às investigações sobre a história da produção acadêmica de determinada área, a realizada por Catani e Faria Filho (2002), os quais empreenderam uma análise do percurso do GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). Os autores observaram o interior do lugar da produção e propriamente o interior da produção científica nessa área do conhecimento, o que representa uma busca pelo entendimento das condições de produção, as tendências e as publicações ao longo do tempo.

Quanto à plataforma utilizada para a pesquisa, a escolhida foi o Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), que concentra trabalhos publicados recentemente no Brasil, de diferentes universidades (públicas ou privadas). Como já apontado anteriormente, a metodologia está baseada no estado de conhecimento, conforme descrito por Ferreira (2002), Romanowski e Ens (2006) e por Vosgerau e Romanowski (2014), mas há divergências entre elas no que se refere às pesquisas desse tipo serem baseadas nos resumos dos trabalhos. Como nos baseamos, no caso das teses e dissertações, neste elemento, destacamos o enfoque da primeira, que realça a importância de investigações dessa natureza que elegem como *corpus* de pesquisa os resumos. Nos termos da autora:

[...] podemos ler cada resumo como um dos gêneros do discurso ligado à esfera acadêmica, com determinada finalidade e com certas condições específicas de produção. Cada resumo é lido como um enunciado estável delimitado pela alternância dos sujeitos produtores, pela noção de acabamento de todo e qualquer enunciado e pela relação dos parceiros envolvidos em sua produção e recepção. Enquanto gênero do discurso, cada resumo é lido pelos elementos que o constituem (conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional), fundidos no todo que é o enunciado. Por outro lado, assumindo o princípio de dialogismo de Bakhtin, cada resumo é lido como participante de uma cadeia de comunicação verbal, onde suscita respostas e responde a outros resumos. (FERREIRA, 2002, p. 267).

A autora aponta que os resumos, enquanto gênero do discurso, trazem:

[...] um conteúdo temático, que é o de apresentar aspectos das pesquisas a que se referem; trazem uma certa padronização quanto à estrutura composicional: anunciam o que se pretendeu investigar, apontam o percurso metodológico realizado, descrevem os resultados alcançados; e, em sua maioria, seu estilo verbal é marcado por uma linguagem concisa e descritiva, formada de frases assertivas, em um certo tom “enxuto”, impessoal, sem detalhamento, com ausência de adjetivos e advérbios. É verdade que nem todo resumo traz em si mesmo e de idêntica maneira todas as convenções previstas pelo gênero: em alguns falta a conclusão da pesquisa; em outros, falta o percurso metodológico, ainda em outros, pode ser encontrado um estilo mais narrativo. (FERREIRA, 2002, p. 268).

Isso posto, o caminho escolhido para essa sistematização partiu, inicialmente, da escolha dos descritores/palavras-chave que seriam inseridos nos bancos de dados para se fazer a busca. Essa etapa é essencial, já que ela vai definir um filtro, a escolha do pesquisador, a fim de que possa encontrar os trabalhos relacionados à temática que deseja. No caso, foram eleitas as seguintes palavras-chave: atlas, atlas escolar, atlas municipal, geografia, estudo do lugar. Tais palavras estão em ordem de importância dos temas gerais das publicações a serem selecionadas pelos programas de busca e o “estudo do lugar” foi incluído, já que após fazer uma breve revisão bibliográfica inicial, verificamos que muitas pesquisas sobre atlas escolares estavam diretamente relacionadas com esse tipo de estudo.

À sequência da escolha dos descritores, procuramos identificar publicações, não necessariamente na área da Geografia, que haviam empreendido estados da arte ou estados do conhecimento interessantes. Elas serviriam como referência metodológica (não necessariamente temática) para fazer a referida pesquisa e alguns dos trabalhos encontrados se caracterizam como pontos de partida, como os de Warde (1993), André (1999) e Pinheiro (2005). Mais especificamente sobre o último, trata-se de um catálogo de teses e dissertações sobre ensino de Geografia no Brasil entre 1967 a 2003, o que foi um norteador para identificar quais pesquisas envolvendo atlas escolares no Brasil foram feitas no século XX e início do século XXI. Além disso, de certa forma, nosso artigo busca atualizar este número de trabalhos, tecendo uma análise quantitativa e qualitativa e evidenciando como pesquisas sobre a temática dos atlas cresceram e se diversificaram no país.

OS ATLAS E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Desde a institucionalização da Geografia, no final do século XIX, os atlas tiveram grande difusão e até mesmo antes disso. A origem dos atlas remonta às contribuições de Mercator (1512-1594) que deu início a um formato de livro composto por um conjunto de mapas, que passou a ser utilizado como um artefato para a divulgação das imagens do mundo (AGUIAR, 2006; GOMES, 2017)⁴. No Brasil, o primeiro foi publicado em 1868, denominado “Atlas do Império do Brasil”, de Cândido Mendes de Almeida (senador do Império, jurista e geógrafo), sendo elaborado em um contexto de disputas internas e externas (MARTINELLI, 2008, 2011). Essa obra, em conjunto com alguns outros materiais cartográficos produzidos na época, como os da oficina tipográfica de Kögel & Shwestka, do Arquivo Militar e da Imprensa Régia, serviu como orientação para a interpretação do espaço geográfico brasileiro ao longo do século XIX, além de propagar ideias sobre o território e contribuir para a cientificidade da cartografia em desenvolvimento (CAVENAGHI, 2010).

Já que a documentação cartográfica possui uma história particular, relacionada a seu contexto de produção, é preciso entender que o referido atlas, muito diferente daqueles que atualmente são comercializados, não consistia em um produto de divulgação para o público em geral, já que era voltado para ser lido apenas por uma elite econômica frequentadora do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (CAVENAGHI, 2010), cujo currículo foi base para o ensino de Geografia no Brasil. O autor destaca também que o atlas foi produzido em um contexto adverso, quando ainda não havia sido consolidada uma estrutura editorial para a produção de mapas no país e, por isso, muitos foram c no estrangeiro.

Posteriormente, outros atlas passaram a ser produzidos, como o “Atlas do Brasil” (1882), de Cláudio Lomelino de Carvalho e tantos outros, como mostrado na tabulação elaborada por Faria (2015) sobre os atlas escolares brasileiros publicados entre 1959 e 2013. Tais

apontamentos reforçam o quanto é difícil contar a história da Geografia, seja ela acadêmica ou escolar, e da Cartografia, sem considerar a importância desse elemento. Mas definições do que vem a ser um atlas são bastantes amplas e, em alguns casos, divergentes por partirem de pontos de vista distintos. Inclusive, ao longo do tempo, as perspectivas de atlas sofreram um alargamento a partir das pesquisas, o que evidencia a necessidade de delimitar os tipos de atlas, considerando suas características e finalidades, como será feito adiante.

Esse alargamento da produção de pesquisas ligadas ao ensinar e aprender Geografia começou a ganhar força, inicialmente, com uma preocupação central ligada ao “o que” ensinar. Porém, outras variáveis passaram a compor o conjunto de inquietações envolvidas com o ensino dessa disciplina, o que justificava o aprofundamento tanto nos conteúdos de ensino, quanto nas teorias da aprendizagem e do desenvolvimento e nas metodologias educacionais que iriam subsidiar o processo. É nesse contexto que ganham volume as pesquisas sobre ensino de Geografia e Cartografia escolar na segunda metade do século XX e início do século XXI, como é comprovado pelo levantamento realizado por Pinheiro (2005).

Em paralelo a isso, houve também a ampliação, transformação e crescimento numérico (tanto em quantidade, quanto em variedade) dos atlas por conta de diferentes variáveis: as mudanças e aprofundamento epistemológico da Cartografia Escolar, a afirmação de uma economia de mercado mundializada, as melhorias nos processos de editoração com o desenvolvimento da imprensa, a entrada da cartografia na manufatura, a evolução dos métodos cartográficos e também o financiamento desses materiais por parte do poder público, entre outros fatores (MARTINELLI, 2008). Desse processo, resulta um atlas de melhor qualidade visual, com concepções mais elaboradas (o que está ligado a um desenvolvimento teórico-metodológico da Cartografia escolar) e, já no século XXI, com possibilidades de interatividade, como aqueles em versão digital.

No entanto, vale destacar que as transformações nos atlas podem ter acompanhado ou não o próprio desenvolvimento da Cartografia, dos processos de editoração e das mudanças curriculares, já que alguns deles ainda trazem em suas páginas o mapa apenas como ilustração. Apoiados nos pressupostos de uma cartografia de crítica, compreendemos que o mapa admita um sentido para além do meramente gráfico; deste modo, supomos que esta posição poderá ser superada, na medida em que a própria cartografia se revela no fio da história como uma ferramenta de elaboração de um pensamento de crítica a respeito da orientação e localização no espaço.

Apesar do advento dessas novas concepções, algumas velhas tradições se mantêm no que se refere à produção de atlas escolares. Uma delas é a da pouca participação dos professores e da comunidade escolar no caminho de elaboração desses materiais, o que levou Miranda (2003) a afirmar: os atlas escolares estão na moda. Apesar do estranhamento, esse atributo pode estar ligado aos atlas quando os professores são apenas consumidores desse meio de ensino, evidenciando uma concepção meramente técnica da atividade docente, ou seja, a de que o professor somente aplica os conhecimentos produzidos por outros.

Além disso, antes de adentrarmos na análise da produção acadêmica sobre os atlas no Brasil durante o século XXI, é preciso destacar algumas concepções. Primeiro, consideramos a cartografia enquanto uma linguagem, uma forma de expressão da geografia. Segundo, os atlas escolares são de grande importância no ensino, pois podem contribuir para a compreensão da noção de espaço e de suas representações. Terceiro, concordando com Miranda (2003), os atlas escolares, de forma geral, são aqueles “[...] cujos autores identificam professores e alunos do ensino básico como principais ou possíveis usuários”

(MIRANDA, 2003, p. 233-234), sendo que a denominação escolar “não se define apenas pela finalidade para a qual se produziu, mas também pela finalidade para a qual se utiliza.” (MIRANDA, 2003, p. 234). Quarto, os atlas para escolares não devem ser apenas uma coletânea de mapas, mas sim um uma organização sistemática de representações temáticas selecionadas com a finalidade de que os estudantes compreendam determinadas questões da realidade (MARTINELLI, 2008). Quinto, que é preciso considerar duas orientações básicas na construção do atlas: o ensino do mapa e o ensino pelo mapa (MARTINELLI, 2008). E sexto, os atlas precisam estar adequados ao estágio cognitivo dos estudantes.

Como nos alerta Martinelli (2011), a elaboração de atlas escolares não é simples, já que eles não podem ser apenas uma compilação e simplificação dos atlas de referência. Ao contrário: há uma fundamentação metodológica específica, tanto da Cartografia, quanto da Geografia. O autor aponta também que foi graças à Cartografia temática que os atlas escolares incorporaram mapas que ultrapassavam a simples localização geográfica. Várias contribuições teóricas, cada uma a seu modo, foram incluídas no processo de construção dos atlas, como a Teoria da representação gráfica dos mapas, Semiologia Gráfica, Comunicação cartográfica, a proposta da Coremática (difundida por Roger Brunet), os estudos metodológicos e cognitivos do mapa (OLIVEIRA, 2014), Cartografia multimídia, Cibercartografia, Visualização Cartográfica e a Geografia Crítica (MARTINELLI, 2011).

Nessa preocupação de entender os atlas a partir de diferentes variáveis, Felbeque (2011), com o objetivo de analisar as propostas teórico-metodológicas presentes nos atlas escolares brasileiros destinados ao Ensino Fundamental, faz uma distinção dos atlas baseando-se nos enfoques metodológicos. Após essa avaliação, criticada por Miranda (2003) pelo fato de estar centrada no produto (os atlas em si), ela diferencia os materiais em três categorias: atlas escolares de referência nacional, cadernos de mapas (coleções voltadas para a construção de mapas) e atlas escolares municipais, todos com grande influência dos princípios da Semiologia Gráfica (Quadro 1).

Acreditamos que essa categorização, apesar das críticas feitas por Miranda (2003), pode ser um caminho para entender os atlas escolares e os trabalhos acadêmicos sobre eles elaborados, já que possibilita fazer uma marcação das características e das finalidades desses materiais. Também com esse intuito de categorização, Aguiar (1996) afirma que os atlas disponíveis para a escola normalmente classificam-se em Histórico, Histórico-Geográfico ou Geográfico. E, incluídos nessas distinções, se enquadra o atlas escolar municipal, que possui algumas especificidades, já que:

[...] difere de outros livros didáticos quando leva ao aluno conhecimentos que ele aprendeu precariamente na família ou mesmo na escola, os chamados conhecimentos prévios. Dessa maneira, ao folhear as páginas do atlas, o aluno vai se reconhecendo no contexto do seu cotidiano. É a praça onde ele costuma jogar bola com os colegas no final da tarde; o rio que passa pelo centro da cidade e está bastante poluído; o município vizinho, onde ele vai aos finais de semana visitar seus avós, enfim, isso aguça a sua vontade de conhecer o restante do lugar onde mora, o que acontece de forma agradável e curiosa (BUENO; BUQUE, 2015, p. 101-102).

Quadro 1. Categorias para a classificação dos atlas escolares a partir das propostas teórico-metodológicas

Categoria	Concepção teórico-metodológica	Exemplos
Atlas escolares de referência nacional	Concepção clássica de atlas como um conjunto pronto e acabado	“Geoatlas” (Maria Elena Ramos Simielli) e “Atlas geográfico: espaço mundial” (Marcello Martinelli e Graça Maria Lemos Ferreira)
Cadernos de mapas	Preocupação com a alfabetização cartográfica	“Primeiros mapas: como entender e construir” (Maria Elena Ramos Simielli), “Atividades cartográficas” (Rosângela Doin de Almeida), “Geografia em mapas” (Graça Maria Lemos Ferreira e Marcello Martinelli) e “Trabalhando com mapas” (Editora Ática)
Atlas escolares municipais	Fornecem um material específico para a realidade municipal	“Atlas Geográfico-Histórico-Ambiental de Limeira” (Rosângela Doin de Almeida e outros) e “Atlas Escolar de Pedro Leopoldo” (Janine Gisèle Le Sann e outros)

Fonte: Adaptado a partir de Felbeque (2011)

Como será evidenciado no estado do conhecimento das pesquisas envolvendo atlas escolares, os atlas municipais têm grande destaque nas produções acadêmicas das últimas décadas. Através desse levantamento será possível, por exemplo, verificar se alguns pressupostos criticados foram superados, como o de que a maioria dos trabalhos ligados à produção de atlas escolares municipais não envolvia a participação direta de professores no processo (MIRANDA, 2003), e se as investigações na linha de pesquisa da Cartografia escolar contribuíram para o avanço no desenvolvimento, em seus múltiplos sentidos, dos atlas escolares municipais.

Le Sann (2011), uma das pesquisadoras que trouxe grandes contribuições teóricas e metodológicas para a produção de atlas escolares municipais, afirma alguns pressupostos importantes sobre essa temática como a necessidade de revalorização dos atlas no ensino de Geografia, a relevância da Cartografia na aquisição de noções geográficas e na estruturação do raciocínio lógico; e a importância da construção, leitura e interpretação de documentos gráficos com base na autonomia e na aprendizagem, através do atlas, de conhecimentos relevantes. Além disso, segundo ela, é papel da universidade propor métodos para a elaboração de atlas adequados às realidades locais; é preciso envolver as comunidades locais para que os atlas não sejam ignorados com as mudanças políticas que ocorrem nos municípios e que esse tipo de atlas tem o município como objeto de estudo e seu objetivo é a construção de conceitos, habilidades e competências em Geografia (LE SANN, 2011).

Especificamente sobre as alterações teórico-metodológicas e tecnológicas nos atlas escolares municipais, Le Sann (2011) assegura que elas estão relacionadas com mudanças de técnicas e métodos, programas de Geografia e do papel do professor/aluno. A autora levanta questões, já no início do século (precisamente em 2001), sobre o potencial da utilização das novas tecnologias para aprendizagem, o que, segundo ela, iria influenciar também o ensino de Geografia e a produção de atlas. Nesse sentido, apresenta algumas experiências canadenses no desenvolvimento de atlas multimídia.

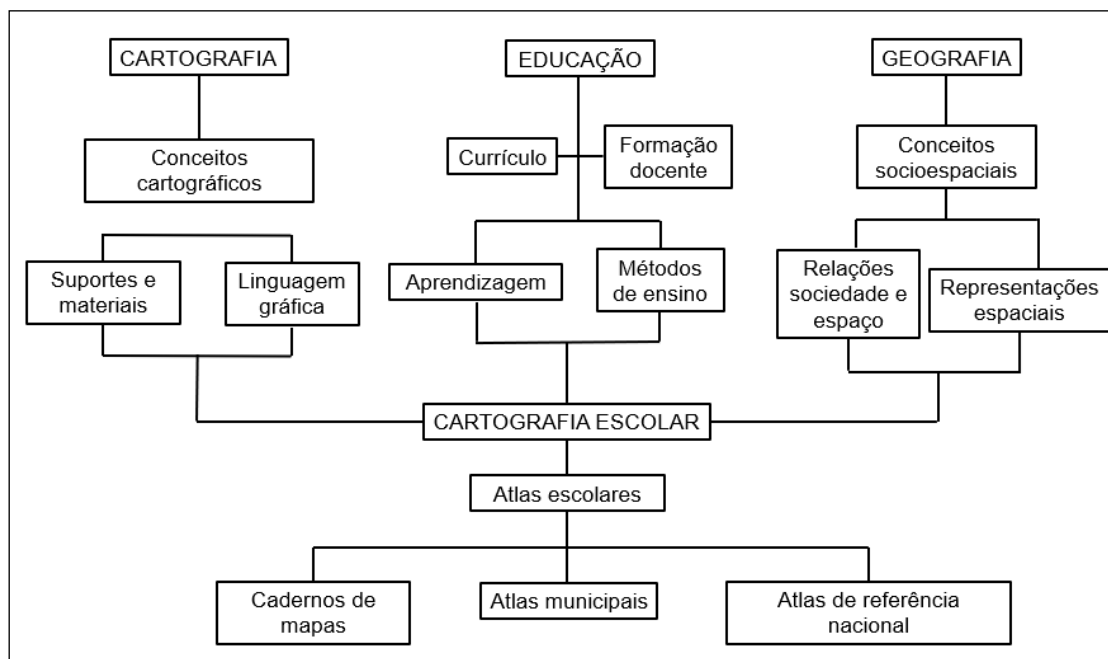
Assim como Le Sann, Rosângela Doin de Almeida também colaborou muito com o desenvolvimento de atlas escolares municipais, coordenando equipes de professores universitários, professores da educação básica, graduandos e pós-graduandos, o que representa uma postura contrária ao que foi criticado por Miranda (2003), que dizia que alguns atlas eram elaborados sem o envolvimento, durante o processo de construção, dos futuros usuários desse produto cartográfico. Ao relatar experiências em alguns trabalhos (2003a, 2003b, 2011), a pesquisadora pontua que a demanda para a produção dos atlas

partiu dos professores da rede pública de ensino de municípios no interior do estado de São Paulo, sendo que os docentes, ao participarem durante todo o processo, tornaram-se professores-autores dos atlas, discutindo constantemente a legitimidade do material para que não fosse alheio às necessidades escolares.

Com base no que descreve Almeida (2003), alguns aspectos merecerem ser ressaltados como parâmetros que serviram para as pesquisas posteriores envolvendo atlas escolares, os quais representam uma superação de perspectivas anteriores. Entre eles o uso da pesquisa qualitativa que considera as condições de ensino, as especificidades de cada localidade, assim como os conflitos e dilemas ao longo do percurso; a importância da relação escola-universidade na promoção de uma elaboração coletiva; a indispensável utilização de referências científicas e confiáveis para a produção do material; e a concepção de atlas para além de um caderno de atividades para o ensino de conceitos cartográficos. Essa concepção, inclusive, retoma uma importante diferenciação dos atlas feita por Felbeque (2011), o que nos leva a reiterar a importância de entendermos, no ensino de Geografia, sobre qual tipo de atlas é demandado e qual deles se adequa a determinadas finalidades.

Ainda nessa temática de elaboração dos atlas, Le Sann (2011) sistematiza algumas etapas gerais (mas essenciais), iniciando com levantamento de dados e seguindo para a elaboração dos mapas, redação dos textos, revisão do material pelos moradores do município, até chegar à impressão do produto final. Como recomendações adicionais, baseando-se nas experiências dos atlas que coordenou, Almeida (2003) fala sobre a importância de que os atlas sejam de fácil manuseio, possibilitem vários níveis de leitura, acrescentem informações que não estavam no livro didático (dados dos referidos municípios, por exemplo) e que a elaboração cartográfica esteja conjugada com a elaboração do conteúdo, que podem estar relacionados a disciplinas como Geografia, História e Ciências. Os atlas apresentam ainda grande relevância para a conscientização a respeito da preservação ambiental e para a recuperação da memória geográfica e da história local. Em outras palavras, os grandes objetivos dos atlas são possibilitar a compreensão da localidade em seu contexto histórico e ambiental (ALMEIDA, 2011).

Além disso, os atlas escolares e, mais especificamente os atlas municipais, podem se caracterizar como um elo de ligação entre a vulgata curricular da geografia escolar, que indica determinados conteúdos geográficos essenciais para cada ano do processo de escolarização, e a geografia, entendida a experiência de vida no lugar. Além de promoverem essa articulação, os atlas escolares podem ser um meio de ensino que reúne conhecimento de diferentes áreas, como fica evidenciado no esquema seguinte:



Fonte: Elaborado pelos autores. Adaptado de Almeida (2014). Os tipos de atlas seguiram a distinção feita por Felbeque (2011).

Esquema 1. Atlas escolares: interfaces conceituais e suas classificações.

Essa reunião interdisciplinar se deve, sobretudo, aos avanços teórico-metodológicos na elaboração de atlas, havendo preocupações não só com os aspectos cartográficos, mas também com relação ao processo de construção, de modo a incluir reflexões sobre o currículo e a formação docente. De igual modo, também se passou a discutir mais a relação dos atlas com os usuários (alunos e professores), considerando as etapas do desenvolvimento e aprendizagem e as dimensões subjetivas da representação. Até mesmo esses sujeitos se tornaram partícipes do caminho de construção desses materiais.

Em síntese, essas mudanças que de forma geral foram muito positivas para a elaboração e a utilização de atlas estão muito ligadas ao próprio desenvolvimento e consolidação da área de conhecimento e pesquisa denominada Cartografia escolar. Os especialistas dedicados a essa área se aprofundaram na temática dos atlas, refletindo em inovações que trouxeram grandes contribuições, sobretudo, para o ensino de Geografia, como será sustentado a partir do estado da produção científica brasileira dos últimos anos.

Ainda há muito o que avançar, considerando a falta de acesso a esse instrumento por parte de muitas escolas, a ausência de atlas locais para muitos municípios e a necessidade em se pensar uma Cartografia mais inclusiva e “mais aproximada da vida cotidiana”. Nesse caso, algumas perspectivas de Cartografia, como apontadas por Almeida e Almeida (2014), poderão cooperar para um maior aprofundamento nesse campo e também na descoberta de novos temas de investigação, como é o caso da cartografia digital, da etn-cartografia, da cartografia tátil, da cartografia cultural e da cartografia turística.

ATLAS ESCOLARES NO BANCO DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD) NO PERÍODO DE 2001 A 2020

Muitos trabalhos envolvendo os aportes metodológicos do estado da arte ou estado do conhecimento amparam-se em análises de dissertações e teses sobre uma determinada temática. Investigações sobre esse tipo de produção acadêmica se devem, entre outros fatores, por apresentarem maior aprofundamento nas temáticas pesquisadas, pelo maior rigor na avaliação e também pelo fato de que muitos desses trabalhos apresentam elementos inéditos sobre determinado tema ou área do conhecimento. Atualmente, uma revisão bibliográfica de teses e dissertações é uma tarefa mais simples que no passado, dada a existência de ferramentas de busca, bancos de dados especializados e disponibilização de muitas publicações em formato digital.

Como citado anteriormente, no trabalho de pesquisa de Pinheiro (2005) foram analisadas algumas teses e dissertações relacionadas à produção e/ou ao uso de atlas no contexto do ensino de Geografia, podendo-se identificar quatro: a de Archela (1993), a de Aguiar (1996), a de Amorim (2003) e a de Felbeque (2003). A primeira, uma dissertação de mestrado desenvolvida na USP (Universidade de São Paulo) sob orientação da Prof^a. Dra. Maria Elena Simielli, se pautava em atividades de representações gráficas construídas a partir de um atlas escolar (embasado nos pressupostos teórico-metodológicos da Semiologia Gráfica) e trabalhadas junto a alunos de Ensino Médio do curso de magistério. A segunda (uma tese de doutorado), desenvolvida na UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), no campus de Rio Claro, sob orientação da professora Lívia de Oliveira, consistiu na análise da trajetória de elaboração dos atlas escolares.

Enquanto isso, a dissertação de mestrado de Amorim (2003), orientada pela professora Janine Gisèle Le Sann, da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), fez um estudo de caso a partir da elaboração do Atlas Escolar de Brumadinho, o qual subsidiaria as práticas pedagógicas dos professores e alunos na rede pública municipal. Também sob orientação da mesma professora, Felbeque (2003) produziu uma dissertação de mestrado contendo uma análise comparativa entre propostas teórico-metodológicas de atlas escolares brasileiros e canadenses.

Após a verificação dessas quatro pesquisas, outras foram realizadas no Brasil a partir do século XXI envolvendo atlas escolares. Com base no levantamento feito por meio do BDTD e utilizando os referidos descritores, a presente investigação verificou um total de 26 trabalhos⁵ entre teses e dissertações, defendidos no período de 2001 e 2020 em diferentes instituições públicas do Brasil, como expressado nas tabelas que seguem:

Tabela 1. Dissertações e teses relacionadas a atlas escolares no Brasil (2001-2020).

Ano da defesa da tese/dissertação	Quantidade por ano
2001	0
2002	0
2003	2
2004	0
2005	0
2006	2
2007	1
2008	4
2009	0
2010	0
2011	0
2012	1
2013	1
2014	2
2015	3
2016	2
2017	3
2018	2
2019	2
2020	1
Tipo	Quantidade
Mestrado (dissertação)	18
Doutorado (tese)	8
Total	26

Fonte: Elaborada pelos autores, 2020.

Tabela 2. Relação entre quantidade de teses ou dissertações defendidas por universidade no Brasil (2001-2020).

Universidade de defesa dissertação/tese	Quantidade
UNESP	9
UNICAMP	1
UFG	4
UFRN	1
UFSC	2
UEL	1
UFMG	2
UFSM	2
USP	2
UFRGS	1
UFTM	1
Total	26

Fonte: Elaborada pelos autores, 2020.

Um primeiro aspecto que se destaca é que apesar do aumento do número de pesquisas compreendendo atlas escolares ser muito maior do que o certificado pelo levantamento de teses e dissertações de Pinheiro (2005), esse número ainda é pouco expressivo. Analisando as tabelas é possível verificar que há poucos trabalhos, em nível nacional, explorando a temática, sendo que do total de 23 trabalhos encontrados entre 2005 e 2020, nove foram defendidos na UNESP campus de Rio Claro, e quatro na UFG (Universidade Federal de Goiás).

Isso significa que os trabalhos desenvolvidos sobre essas temáticas estão concentrados em algumas das instituições públicas de ensino superior brasileiras, o que se deve à existência, em algumas delas, de grupos de pesquisas e professores que se dedicam a pesquisas sobre atlas e também à elaboração desses materiais. No caso das duas citadas, UNESP e UFG, as produções estão ou estavam ligadas, principalmente, aos trabalhos de orientação e pesquisa, respectivamente, das professoras Rosângela Doin de Almeida e Miriam Aparecida Bueno.

Para além da quantificação, é fundamental, nas pesquisas do tipo estado do conhecimento, fazer uma análise qualitativa das produções acadêmicas, como será feito a seguir. Para isso, as teses e dissertações, após sistematizadas como mostrado nas tabelas, procedeu-se ao exame dos trabalhos através do título, dos resumos e das palavras-chave, mesmo considerando, como sublinhadas por Ferreira (2002), as limitações das pesquisas que se concentram nos resumos para tirar suas conclusões, já que, segundo a autora, os resumos podem não ser fidedignos às temáticas dos trabalhos. Buscando reparar esse entrave, algumas publicações, quando despertavam dúvidas relacionadas à falta de clareza dos resumos, títulos e palavras-chave, foram lidas por inteiro.

Primeiramente, as publicações utilizadas nessa análise e que foram encontradas a partir da busca no BDTD são: Gonçalves (2006), Melo (2006), Móta (2007), Bueno (2008), Camargo (2008), Cirolini (2008), Locali (2008), Machado-Hess (2012), Lima (2013), Santos (2014), Silva (2014), Faria (2015), Milena (2015), Martins (2016), Régis (2016), Bauzys (2017), Gracioli (2017), Honda (2017), Nunes (2018), Rodrigues (2018), Puchalski (2019), Vieira (2019) e Costa (2020). Delas foram lidos os resumos e, em alguns casos, feita a leitura integral dos trabalhos, o que pôde melhor evidenciar aspectos como emprego de referências bibliográficas, tipo de relação da pesquisa com os atlas escolares e percursos metodológicos.

Um primeiro aspecto a ser destacado sobre as teses e dissertações no geral está ligado com os teóricos utilizados e com os professores(as) orientadores de cada uma, o que ajuda a identificar os profissionais que são referências importantes nessa área de pesquisa ligada ao ensino de Geografia e à Cartografia escolar. Entre eles estão: Marcelo Martinelli, Maria Elena Ramos Simielli, Janine Le Sann, Miriam Bueno, Maria Isabel Castreghini de Freitas, Rosângela Doin de Almeida, Rosângela Spironello, Elza Passini e Amanda Regina Gonçalves. Estando em diferentes universidades e ligadas a distintos programas de pós-graduação, muitas das pesquisas sobre atlas escolares são produzidas por esses professores ou por eles orientadas.

Reconheceu-se também alguns termos presentes no título, resumo, palavras-chaves e corpo do texto dos trabalhos, que nos ajudam a compreender com o que as pesquisas sobre atlas estão relacionadas. Nesse caso, as principais palavras encontradas foram: representação cartográfica, atlas escolar municipal, material didático, construção da cidadania, lugar, espaço vivido, alfabetização cartográfica, aporte teórico-metodológico, local-global, BNCC, formação docente, formação continuada, recurso didático, relações entre escolas, atlas escolar digital,

mapas interativos, sequência didática, professor-mediador, saberes docentes, prática pedagógica, identidade/pertencimento, TICs, Ensino Fundamental I e II, escola pública, construção de conhecimentos, escola-universidade, trajeto casa-escola, afetividade, vivência, Geografia Humanista, Fenomenologia, cotidiano, articulação espaço-tempo, cultura escolar, imagens de satélites, produtos cartográficos, mapa/maquete/croqui, transposição didática, raciocínio espacial, conceitos geográficos, leitura do mundo, saída de campo e aprendizagem significativa.

Quanto aos procedimentos metodológicos é verificável uma variedade deles. Inclusive é visível o quanto alguns foram incorporados à elaboração e utilização dos atlas em pesquisas científicas alicerçados nas contribuições de professores como Marcello Martinelli, Janine Le Sann e Rosângela Doin de Almeida. Com base no levantamento feito sobre esses procedimentos metodológicos, conclui-se que houve avanços muito positivos nas concepções de atlas escolares, principalmente nos atlas escolares municipais a partir de metodologias ligadas, como verificado nas teses e dissertações, à pesquisa participante, entrevista, questionário, análise bibliográfica, abordagem qualitativa, análise documental, observação participante, estudo de caso, ação reflexiva, registros (caderno de campo), pesquisa etnográfica, pesquisa colaborativa, história oral, geovisualização, narrativa, trabalho de campo e abordagem quantitativa.

Fundamentando-se nos percursos metodológicos de cada um dos trabalhos de pós-graduação são identificáveis os tipos, sublinhados por Miranda (2003), de relações estabelecidas entre pesquisadores/especialistas e professores na produção dos atlas municipais: sem participação dos professores, participação indireta dos professores ou participação direta dos professores⁶. Essa relação não deve ser encarada como um elemento secundário na metodologia do trabalho, já que como essa trajetória é estabelecida diz muito sobre as concepções teórico-metodológicas presentes nos atlas e, sem dúvida, interferem também no produto final e no uso que se faz dele na escola pelos professores e estudantes.

Apresentado um panorama geral das pesquisas, discutiremos a seguir (apesar de brevemente) algumas contribuições específicas de cada uma das teses e dissertações. Para não se tornar uma exposição catalográfica, preferimos dar ênfase às primeiras investigações envolvendo atlas escolares, as quais serviram como referência para os trabalhos posteriores. Ademais, algumas publicações serão discutidas em conjunto, já que se aproximam quanto à abordagem ou, em alguns casos, foram desenvolvidas em um mesmo grupo de pesquisa.

Em primeiro lugar, uma das primeiras teses que envolveram atlas foi a pesquisa de Gonçalves (2006). Ela propõe uma discussão sobre o lugar, compreendido como os espaços-tempos cotidianos, através de um projeto ligado à rede pública municipal de Rio Claro-SP e que envolveu a participação de professores e uso do atlas municipal. A autora apresenta na tese de doutorado as atividades do que ela denominou por “Grupo Atlas”, que se caracterizou por ser uma rede colaborativa de trabalho que articulava escola e universidade para a produção de conhecimentos sobre a localidade em uma organização “vai-e-vem”⁷. Em sentido semelhante, Camargo (2008), Locali (2008) e Lima (2013) produziram dissertações de mestrado investigando as práticas docentes e propondo o estudo do lugar a partir de atlas escolares em uma rede colaborativa entre escola e universidade.

Melo (2006) faz uma análise sobre uso dos atlas, comparando níveis de aprendizagem dos alunos com atlas impressos e atlas digitais, verificando a eficiência desses materiais no ensino de Geografia na escola. Seu trabalho dá grande contribuição ao sistematizar uma quantidade significativa de atlas produzidos ao longo da História, inclusive de épocas em que a cartografia representava elementos fantásticos/mitológicos para explicar os fenômenos da realidade. As concepções desses atlas, que variaram ao longo do tempo,

influenciaram, posteriormente, a elaboração de atlas escolares. Mais adiante, novos princípios e metodologias fizeram avançar a produção de atlas escolares mais específicos, como é o caso dos atlas municipais e dos atlas digitais⁸, provocando mudanças no processo de elaboração dos materiais e na escala de análise e de atuação. Sobre os tipos de atlas, na dissertação de Cirolini (2008) fez-se uma distinção mais precisa entre atlas analógicos, atlas eletrônicos (visualização, interativos e analíticos) e atlas digitais.

Incorporando essas novas concepções no trabalho com o atlas, Bueno (2008), em sua tese de doutorado, apresentou uma proposta de formação continuada dos professores pela mediação do atlas escolar para o estudo do lugar, utilizando o de Sena Madureira-AC com o grupo envolvido na pesquisa e tendo como propósito a construção e aprendizagem de conhecimentos geográficos. Já Machado-Hess (2012) propõe uma metodologia para a elaboração de atlas escolares para o conhecimento do local e um protótipo de atlas escolar para um município de São Paulo, evidenciando, entre outros elementos, a importância de definição do recorte espacial e temático assim como a necessidade de avaliação dos atlas por parte dos professores e alunos que o utilizarão.

Tanto Santos (2014) quanto Silva (2014) investigaram as práticas pedagógicas envolvendo a linguagem cartográfica e, por sua vez, o uso de atlas escolares nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir disso, desenvolveram um curso de formação continuada de professores e atividades com os alunos incluindo o uso de atlas escolares municipais de diferentes localidades (respectivamente de Itapeva-SP e Trindade-GO).

Os trabalhos defendidos nos anos seguintes, como já citados anteriormente, dando continuidade às perspectivas anteriores, se valeram de metodologias que envolvessem mais os sujeitos inseridos nas escolas. Além da adoção de concepções mais participativas no desenvolvimento dos atlas escolares, as teses e dissertações dos últimos anos inovaram na proposição de atlas em diferentes formatos, anexando assim metodologias de elaboração baseadas nos avanços cartográficos das últimas décadas. Isso possibilitou uma melhoria na qualidade e precisão dos mapas, como é o caso do uso da perspectiva da visualização cartográfica (também chamada de geovisualização) para a produção dos atlas.

Acrescenta-se a essas concepções a associação, aos atlas, de perspectivas bastante significativas para os avanços no campo da Cartografia escolar. Entre elas o atlas como contribuinte do desenvolvimento do raciocínio geográfico; a relevância dos atlas no processo de letramento cartográfico de crianças e escolares; o uso dos referenciais teóricos e metodológicos da “cartografia escolar e inclusiva” e também, como defendido mais recentemente, o mapa como um gênero textual (e, portanto o atlas como um conjunto deles) produzido pelos estudantes em seu percurso de escolarização.

Por fim, essas teses/dissertações e os projetos derivados delas favoreceram o uso e elaboração (mesmo que de protótipos) de atlas municipais. Como exemplo, nos trabalhos pesquisados, os atlas utilizados ou produzidos para as atividades foram: Atlas Ambiental de Porto Alegre-RS, Atlas Eletrônico e Socioeconômico do Município de Restinga Seca-RS, Atlas Escolar de Sorocaba-SP, Atlas Escolar Municipal de Itapeva-SP, Atlas Municipal de Apucarana-PR, Atlas Municipal de Figueira-PR, Atlas Municipal de Florianópolis-SC, Atlas Municipal de Goianira-GO, Atlas Municipal de Ipeúna -SP, Atlas Municipal de Ourinhos-SP, Atlas Municipal de Rio Claro-SP, Atlas Municipal de Rio do Fogo-RN, Atlas Municipal de Sena Madureira-AC, Atlas Municipal de Sumaré-SP e Atlas Municipal de Trindade-GO.

OS TRABALHOS SOBRE ATLAS NOS EVENTOS CIENTÍFICOS

Miranda (2003) fez um levantamento dos trabalhos publicados sobre atlas nos eventos científicos de Cartografia para escolares realizados no Brasil, dando destaque ao processo de produção, à perspectiva dos professores e à relevância do tema na consolidação da Cartografia escolar. Posteriormente, Almeida e Almeida (2014) também publicaram um levantamento sobre os esses trabalhos apresentados em congressos brasileiros como forma de ressaltar os destaques dessa área e também os principais temas de pesquisa.

É possível dizer que o presente artigo possui objetivos que vão ao encontro das intenções de Miranda (2003) e de Almeida e Almeida (2014) ao tecerem suas análises. Assim, essa publicação traz até mesmo uma atualização do panorama geral dos trabalhos em eventos científicos pelo fato de que Miranda (2003) investigou apenas as publicações dos quatro primeiros Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares (1995, 1997, 1999 e 2001) e Almeida e Almeida (2014) produziram um levantamento até a edição do colóquio de 2009 (em Juiz de Fora). Já nesse artigo são incluídas avaliações sobre os outros colóquios, até a sua décima primeira edição, ocorrida em 2020.

Miranda (2003) fez uma identificação de todos os trabalhos que se referiam aos atlas escolares (de qualquer natureza), tanto com relação aos produtos, processo de produção, aplicação, quanto aos estudos/orientações técnicas ou teórico-metodológicas (MIRANDA, 2003). A partir dessa análise, apontou o predomínio das produções em duas vertentes: a primeira ligada à relação entre recursos da informática e atlas digitais no ensino e a segunda mais diversa, com trabalhos centrados no domínio das linguagens utilizadas nos atlas e na formação docente. Nesses mesmos levantamentos, além da distinção dos trabalhos em dois grupos, o autor também já notava um crescimento das publicações nessa temática dos atlas escolares, sobretudo com relação aos atlas municipais, aumento este que será confirmado posteriormente na apresentação dos dados desta pesquisa.

Tais evidências reiteraram o que fora expressado no título de seu artigo: que os atlas estão na moda; e as razões desse crescimento estão ligadas, segundo o autor, às necessidades colocadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (apesar de trazer ressalvas sobre isso), no que se refere à Cartografia como conteúdo e ao lugar como categoria de análise, assim como às novas tecnologias que revolucionaram os produtos cartográficos (MIRANDA, 2003). Após quase duas décadas desse levantamento, é preciso buscar outras razões que expliquem o aumento no número de pesquisas e publicações envolvendo atlas escolares, sendo importante considerar como o uso desse material pode estar relacionado a um novo momento do ensino de Geografia no país pautado por novas diretrizes e concepções, como por exemplo as que estão identificadas na Base Nacional Comum Curricular.

Já Almeida e Almeida (2014), a partir do levantamento feito, aglutinaram os trabalhos dos colóquios de Cartografia em quatro grandes grupos: Representação do espaço; Metodologia de ensino; Tecnologias e produção de materiais didáticos cartográficos⁹; e Formação de professores e currículo. No caso, os atlas escolares (o que inclui os atlas municipais ou locais) estão inseridos no terceiro grupo, sendo um tema que representa uma parcela significativa dos trabalhos desse grupo e, por conseguinte, do total dos trabalhos apresentados e publicados nos colóquios.

A partir desses propósitos e como forma de atualizar esse levantamento, faremos a seguir uma discussão dos trabalhos sobre atlas nas edições do Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares que ocorreram neste século, o que totalizam oito (além das

outras três que aconteceram antes de 2001), como apresentadas no quadro 2. Retomando alguns princípios das pesquisas do tipo estado da arte ou estado do conhecimento, é preciso estabelecer categorias para fazer a análise, pautando-a em critérios de inclusão e exclusão das pesquisas inventariadas. Assim, para que os trabalhos sobre atlas fossem incluídos nesse levantamento, essa temática precisaria estar expressada no título, nas palavras-chave e/ou nos resumos. Vale destacar que aqueles que tratavam sobre atlas, mas não tinham como propósito o uso escolar, não foram incluídos nessa sistematização. Ademais, em algumas edições, os trabalhos envolvendo atlas foram mais fáceis de serem localizados dada a sua reunião em um eixo, tema ou grupo de trabalho específico para esse tipo de produção.

Quadro 2. Edições dos Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares: 1995 a 2020.

Edições Ano	Local, Instituição	Evento/Tema	Coordenação	Quantidade de Trabalhos
I 1995	Rio Claro/SP UNESP (IB)	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS	Prof. ^{as} Dr. ^{as} Regina Araújo de Almeida (USP) e Rosângela Doin de Almeida (UNESP)	NC
II 1996	Belo Horizonte/MG UFMG	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS	Prof. ^{as} Dr. ^{as} Janine Gisele Le Sann (UFMG) e Márcia Maria Duarte dos Santos (UFMG)	NC
III 1999	São Paulo/SP FFLCH/ USP	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS	Prof. Dr. Clézio dos Santos (UFRRJ)	NC
IV 2001	Maringá/PR UEM	CARTOGRAFIA PARA ESCOLARES <i>I Fórum Latino Americano de Cartografia para Crianças</i>	Prof. ^a Dra. Elza Yasuko Passini (UEM)	NC
V 2007	Niterói/RJ UFF	SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS: Pesquisa e perspectiva em Cartografia para Escolares V COLÓQUIO CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES 9º ENPEG - Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia	Prof. Dr. Jader Janer M. Lopes (UFJF) e Prof. ^a Dra. Tomoko I. Paganelli (UFRJ)	NC
VI 2009	Juiz de Fora/MG UFJF	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES II Fórum Latino Americano de Cartografia para Escolares	Prof. Dr. Jader Janer M. Lopes e Prof. ^a Dra. Valéria Trevizani Burla de Aguiar, ambos da UFJF	47

continua

continuação

Edições Ano	Local, Instituição	Evento/Tema	Coordenação	Quantidade de Trabalhos
VII 2011	Vitória/ES UFES	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES Imaginação e inovação: desafios para a Cartografia Escolar	Prof. Dr. André Luiz Nascentes Coelho e Antônio Carlos Queiroz Filho, e Prof. ^{as} Dr. ^{as} Gisele Girardi e Marisa Terezinha Rosa Valladares, vinculados à UFES	39
VIII 2013	São João del-Rey/MG UFSJ	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES Para quem e para que a Cartografia Escolar: experiências e campos de saberes	Prof. ^{as} Dr. ^{as} Lígia Maria Brochado de Aguiar, Sílvia Elena Ventrini, e Carla Juscélia de Oliveira Souza, vinculadas à UFSJ	92
IX 2016	Goiânia/GO UFG (Campus I) e PUC/GO	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES 20 anos do Colóquio: percursos e perspectivas da Cartografia para Crianças e Escolares	Prof. Dr. Denis Richter (UFG) e Prof. ^{as} Dr. ^{as} Míriam Aparecida Bueno (UFG) e Loçandra Borges de Moraes (UEG)	88
X 2018	São Paulo/SP USP – Campus Butantã	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES As diferentes linguagens no mundo contemporâneo I Encontro Internacional de Cartografia Escolar e Pensamento Espacial	Prof. ^{as} Dr. ^{as} Andrea Coelho Lastória (FFCLRP-USP); Carla Cristina de Sena (UNESP/Ourinhos); Paula Cristiane Strina Juliasz (FE-USP); Sônia Maria Vanzella Castellar (FE e DG/USP); Waldirene Ribeiro do Carmo (DG-USP); e Prof. Dr. Ronaldo Goulart Duarte (UERJ)	90
XI 2020	Pelotas/RS UFPeL – Campus I (Evento on-line)	CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES “Diálogos, trajetórias e perspectivas no ensino e na pesquisa em Cartografia Escolar”	Profa. Dra. Rosangela Lurdes Spironello – UFPeL Profa. Dra. Liz Cristiane Dias – UFPeL	-

Fonte: Elaborada pelos autores, 2020. Adaptado de Cazetta (2018). Onde registra-se o “Número trabalhos” inscritos, para NC leia-se “não computado”.

Todas essas edições, incluindo as mesas-redondas, apresentações de trabalho, publicação de anais e concursos de cartografia, deram grande incentivo para a consolidação, desenvolvimento e diversificação da Cartografia escolar no Brasil. Como é intenção deste trabalho, buscou-se nessas edições algo relacionado especificamente a atlas escolares, identificando-se algumas mesas-redondas, trabalhos e pôsteres apresentados, artigos publicados nos anais e eixos de trabalho. Quanto a esse último aspecto, na terceira edição em Maringá (2001) havia um tema específico dos trabalhos (tema III) denominado “Atlas escolares: concepção e metodologia”. A inclusão dessa seção específica foi observada também nas edições subsequentes, mas não de forma contínua: eixo “Atlas escolares” no colóquio de 2009 (Juiz de Fora) e grupo de trabalho “Atlas municipais escolares” no colóquio de 2011 (Vitória). No evento de 2013, em São João del-Rey, os “Atlas

municipais escolares” foram inseridos como uma das linhas de pesquisa que perpassava os três eixos temáticos do colóquio. Por sua vez, em 2016 (Goiânia), os trabalhos dessa temática estavam enquadrados no eixo I (“Atlas escolares”) e na décima edição, em 2018, no eixo II (“Atlas e Tecnologias na Cartografia Escolar e para Crianças”).

Havendo ou não eixos ou grupo de trabalho específicos para atlas nas edições dos colóquios que ocorreram nas duas primeiras décadas do século XXI, foram sistematizados todos os trabalhos relativos a essa temática a partir dos descritores mencionados, como é mostrado na sequência:

Quadro 3. Trabalhos sobre atlas escolares das edições dos Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares a partir de 2001.

Edições dos Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares (a partir de 2001)	Quantidade de trabalhos	Títulos dos trabalhos e nomes dos autores
IV (2001) – UEM (Maringá, PR)	15	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Atlas escolares: uma análise das propostas teórico-metodológicas” (Rosilene Felbeque) 2. “Atlas urbano de Rio Claro” (Magda Adelaide Lombardo) 3. “Atlas eletrônicos: considerações cartográficas e técnicas” (Christiane da Silva Ramos) 4. “Educação continuada: em busca da aprendizagem docente” (Andréa Coelho Lastória e Maria da Graça Nicoletti Mizukami) 5. “Confecção de atlas temático da Bacia Hidrográfica do Rio Pardo como recurso didático e informacional” (Alexandre Rauber et al) 6. “Confecção de atlas de bacia hidrográfica para uso escolar” (Erika Collischonn) 7. “Desenvolvimento de atlas escolares municipais” (Rosângela Doin de Almeida) 8. “Atlas escolar da cidade do Rio de Janeiro” (Tania Targino e Neide Monteiro) 9. “Atlas geográfico escolar de Juiz de Fora – MG” (Valéria Trevizani Burla de Aguiar) 10. “Atlas escolar municipal de Sena Madureira – AC” (Miriam Aparecida Bueno) 11. “Atlas escolar: uma proposta para o Ensino Fundamental” (Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes et al) 12. “A prática pedagógica e a cartografia escolar - o uso de atlas municipais escolares nas séries iniciais do ensino fundamental” (Adriano Rodrigo Oliveira) 13. “Projeto Paraná em município: Atlas Municipal de Morretes” (Sérgio Mauri Fabri) 14. “Atlas Escolar Municipal de Santa Maria – RS” (Lia Margot Dornelles Viero) 15. “Thinking about Ontario” (Henry W. Caster)
V (2007) – UFF (Niterói, RJ)	4	<ol style="list-style-type: none"> 1. “O Atlas Escolar do município de Niterói” (Marli Cigagna et al) 2. “Estudo da localidade e Atlas Escolar Municipal” (Andréa Coelho Lastória) 3. “Atlas escolar de Maringá: propostas em diferentes linguagens” (Elza Yasuko Passini e Medson Gomes de Sá) 4. “Uma análise sobre saberes e práticas docentes no ensino da localidade com atlas municipais escolares em Ipeúna e Rio Claro – SP” (Paulo Estevão Bueno de Camargo)

continua

continuação

Edições dos Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares (a partir de 2001)	Quantidade de trabalhos	Títulos dos trabalhos e nomes dos autores
VI (2009) – UFJF (Juiz de Fora, MG)	8	<ol style="list-style-type: none"> 1. "Elaboração do Atlas escolar geográfico de Mato Grosso" (Leodete Benedita de Souza Miranda e Silva) 2. "A representação do espaço geográfico nos atlas municipais, sua construção e utilização na geografia escolar: um estudo sobre a elaboração do atlas municipal da cidade de Petrópolis-RJ" (Fabrício Pimenta da Cunha e Maria Inês de Souza Braga) 3. "Atlas geográficos municipais: o novo atlas escolar do município de Macaé-RJ" (Glaucio José Marafon et al) 4. "Atlas escolares municipais e os saberes dos professores: uma trajetória vivida e experimentada" (Miriam Aparecida Bueno) 5. "Atlas escolar do município paulista de Ribeirão Preto: projeto, desenvolvimento, finalidade e desdobramentos" (Andréa Coelho Lastória) 6. "Cartografia da agricultura nos atlas escolares brasileiros" (Valéria Trevizani Burla de Aguiar e Maria Aparecida de Almeida Gonçalves) 7. "Atlas geográfico e sócio-ambiental do município de Vitória-ES" (Antonia B. Rodrigues Frattolillo e Gaspar do Nascimento Lopes) 8. "Atlas geográfico escolar do município de Aracitaba-MG" (Cristiane Campos Toledo, Juliana Campos de Souza e Sebastião de Oliveira Menezes)
VII (2011) – UFES (Vitória, ES)	5	<ol style="list-style-type: none"> 1. "Análise do ensino-aprendizagem do espaço local e da formação de professores do ensino fundamental I, em escolas da rede pública da Região Metropolitana de Goiânia (RMG)" (Miriam Aparecida Bueno e Karine Araújo e Silva) 2. "Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Verde Grande: instrumento de Educação Ambiental" (Eliane Ferreira Campos Vieira et al) 3. "Primeiros passos do Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Apucarana-PR. Atlas elaborado por professores em pesquisa colaborativa" (Maria do Carmo Carvalho Faria e Rosângela Doin de Almeida) 4. "A determinação de um método de classificação para a Elaboração de um Atlas escolar "Atlas Ambiental do Estado de São Paulo" (Bruno Zucherato e Maria Isabel Castreghini de Freitas) 5. "Dos mapas analíticos aos mapas de síntese nos atlas geográficos escolares: a passagem de um raciocínio para outro" (Marcello Martinelli)
VIII (2013) – UFSJ (São João del-Rey, MG)	9	<ol style="list-style-type: none"> 1. "A produção do Atlas Geográfico Escolar de Moçambique para deficientes visuais no Labtate" (Ruth Emília Nogueira, Yanna D'Angelis e Márcio de França) 2. "Atlas geográfico do município de Quevedos, RS: um material de apoio didático pedagógico" (Natália Lampert Batista e Valdemar Valente) 3. "Atlas escolar na sala de aula de Ribeirão Preto-SP: ficção ou realidade?" (Thais Ângela Cavalheiro de Azevedo e Andrea Coelho Lastória) 4. "Elaboração do Atlas Geográfico Escolar Tátil do Município de Florianópolis" (Tamara de Castro Régis e Ruth Emília Nogueira) 5. "O uso de atlas digitais no ensino de Geografia e Cartografia" (Christian Nunes da Silva, Carlos Jorge Nogueira de Castro e Madson José Nascimento Quaresma) 6. "O atlas escolar municipal como mais uma possibilidade de ensino da linguagem cartográfica nos anos iniciais" (Fátima Aparecida da Silva Faria Galvão dos Santos) 7. "Atlas digital do município de Faxinal do Soturno-RS: uma ferramenta didática para o ensino" (Leonardo Pinto dos Santos e Gilda Maria Cabral Benaduce) 8. "Atlas escolar municipal: uma experiência de construção baseada em intervenções de professoras do ensino fundamental" (Maria do Carmo Carvalho Faria e Maria Isabel Castreghini de Freitas) 9. "Os atlas escolares dos municípios da Baixada Fluminense" (Clézio dos Santos)

continua

continuação

Edições dos Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares (a partir de 2001)	Quantidade de trabalhos	Títulos dos trabalhos e nomes dos autores
IX (2016) – PUC/GO e UFG (Goiânia, GO)	8	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Políticas curriculares educacionais e atlas escolares municipais: contribuições para o estudo do lugar” (Janiane Divina dos Santos Honda e Miriam Aparecida Bueno) 2. “Relato de experiência Brasil x Moçambique: o atlas escolar municipal da cidade de Maputo como experiência formativa de alunos e professores” (Gabriela Leles Amaral e Gabriella Lins Dias) 3. “Elaboração do Atlas Escolar de Goiás” (Diego Tarley Ferreira Nascimento e Nicali Bleyer Ferreira dos Santos) 4. “Oficinas de orientação e de elaboração dos mapas para o atlas escolar de Maputo – Moçambique” (Diego Tarley Ferreira Nascimento e Manuel Macandza) 5. “Uma análise do currículo local de Moçambique e da proposta do atlas escolar da cidade de Maputo como formação continuada do professor e do aluno” (Felipe Silva de Freitas e Gustavo Cardoso Abreu) 6. “Atlas geográfico escolar municipal: experiências no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, MG” (Antônio Carlos Freire Sampaio e Adriano de Ávila Melo Sampaio) 7. “Atlas ambiental escolar de Guarapuava, Paraná: a relação da cartografia e geografia nos estudos ambientais” (Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes, Emerson de Souza Gomes e Cecília Hauresko) 8. “Elaboração do Mapa interativo de desenvolvimento urbano de Ourinhos: um olhar sobre a aplicação, os desafios e as contribuições dos alunos” (Tadeu Jussani Martins e Andréa Aparecida Zacharias)
X (2018) – USP (São Paulo, SP)	7	<ol style="list-style-type: none"> 1. “A contribuição do atlas escolar do Estado de Goiás como um instrumento didático para o ensino de Geografia” (Julio César Oliveira de Moraes e Diego Tarley Ferreira Nascimento) 2. “Análise do espaço urbano de Ribeirão Preto: Práticas pedagógicas e as contribuições da cartografia escolar por meio do atlas escolar histórico, geográfico e ambiental de Ribeirão Preto – SP” (Andrea Coelho Lastória e Luis Guilherme Maturano) 3. “Proposta interinstitucional para a elaboração de atlas escolares de municípios do interior do Estado de Goiás” (Diego Tarley Ferreira Nascimento e Miriam Aparecida Bueno) 4. “Atlas escolar do município de São Gonçalo - RJ: dos princípios a sua construção” (Jonas Ramos Pimentel e Evandro Ronaldo Campos Ribeiro Filho) 5. “A pesquisa-ação como metodologia na construção do atlas escolar geográfico municipal de Conceição de Macabu/RJ” (Renato Batista da Conceição e Esther Kuperman) 6. “O estudo do lugar e sua representação a partir do atlas escolar da Vila União - Campinas/SP” (Viviane Lousada Cracel) 7. “O ensino da linguagem cartográfica nos anos iniciais: Uma experiência com professores e alunos” (Fátima Aparecida da Silva Faria Galvão dos Santos)
XI (2020) – UFPel (evento <i>on-line</i>)		<ol style="list-style-type: none"> 1. “A alfabetização cartográfica através do atlas geográfico escolar municipal” (Rafael Cesar Costa Silva e Thiago Fantini Fernandes Sleumer)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A partir da leitura de muitos desses trabalhos é observável a incorporação de novas perspectivas e concepções às pesquisas envolvendo atlas, como já destacado anteriormente. As novas possibilidades de trabalho com esse material (que não é recente) e também na sua elaboração estão diretamente ligadas ao desenvolvimento da Cartografia escolar no Brasil. Como é objetivo das pesquisas do tipo estado do conhecimento, com base em uma sistematização de produções científicas, é possível mapear as tendências em um campo acadêmico e entender o que vem sendo estudado em cada época e em cada lugar. E essas tendências apontam para a consolidação dos atlas como um tema de pesquisa e, apesar de estarem na “moda”, como afirmava Miranda (2003), as pesquisas sobre eles não se

configuram apenas como reproduções de um modelo a ser seguido. Evidentemente, os trabalhos apresentados e publicados nos eventos recuperam publicações anteriores sobre a temática, mas isso não quer dizer que seja um tema de pesquisa estagnado em que não são reconhecidos avanços teóricos e metodológicos.

Sobre isso, é importante salientar que ao longo do tempo houve a valorização dos atlas como possibilidade para o estudo do lugar e, do mesmo modo, da importância da participação dos sujeitos no seu processo de elaboração. Não se trata mais, exclusivamente, de um caminho de produção baseado na concepção do atlas por especialistas em cartografia e depois o uso desse material pelos escolares. Esse tipo de atlas, desenvolvido dessa forma, continua a existir e ser utilizado (principalmente aqueles que são representativos de escalas geográficas maiores), mas o grande destaque, como mostram os trabalhos nos eventos, passou a ser a confecção de atlas escolares, abordando características locais e tendo a contribuição dos professores e alunos das escolas. No caso desses trabalhos, referenciais da pesquisa qualitativa em Educação ligados à pesquisa-ação, pesquisa etnográfica, pesquisa participante e estudo de caso foram adotados.

Em síntese, como afirmado por Almeida e Almeida (2014), em um diagnóstico sobre os trabalhos dos colóquios de Cartografia, há muito o que se aprofundar em temáticas. O mesmo vale para os atlas escolares. Necessita-se, pois, discutir de maneira transversal, segundo as autoras, a melhor forma de se elaborar um atlas, considerando qual seria a cartografia mais adequada para tanto. Representando progressos ligados a isso, algumas metodologias já mostraram resultados bastante positivos, como a produção de conhecimentos, a integração de conhecimentos de diferentes áreas e a incorporação, aos produtos cartográficos, dos saberes do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe hoje uma ampla diversidade de atlas produzidos para utilização escolar, concebidos com base em diferentes orientações teórico-metodológicas. Porém, há evidências de que para difundir e estimular o uso do atlas escolar no cotidiano do ensino são necessárias algumas ações, como projetos de ensino com atlas, cursos de formação e políticas direcionadas para o setor. Isso porque a presença de atlas em uma biblioteca escolar geralmente não é suficiente para que seja empregado nas aulas, ainda que nele estejam presentes elementos formativos, com conteúdo geográfico e algumas orientações para a construção da aprendizagem.

A partir do estado do conhecimento relativo às duas primeiras décadas do século XXI, foram encontradas 26 teses e dissertações sobre atlas no período, todas oriundas de instituições públicas, federais ou estaduais. Destas, 88% defendidas entre os anos de 2005 a 2020, sendo que 34% dos trabalhos foram realizados na “Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), no campus de Rio Claro, e 15% destes, na Universidade Federal de Goiás (UFG).

A leitura do *corpus* de pesquisa mostrou que, historicamente, houve avanço significativo na produção de atlas, em termos de aperfeiçoamento da qualidade na comunicação cartográfica; na relação do produto cartográfico com o seu usuário (tornando-se um material mais interativo); nas concepções metodológicas para a elaboração (principalmente dos atlas escolares municipais), envolvendo a participação de alunos e professores (rede colaborativa); nos projetos de elaboração de atlas (por serem

desenvolvidos em conjunto com cursos para a formação continuada de professores); na incorporação de tecnologias digitais que permitem uma visualização diferente aos atlas; na valorização da diversificação de escalas e dos conhecimentos locais; na abordagem interdisciplinar e, por fim, no uso da linguagem cartográfica presente nos atlas municipais como forma de estímulo à correlação da expressão da geograficidade.

A pesquisa evidenciou também que as publicações de teses e dissertações, relacionadas às temáticas que tratam de atlas escolares e ensino de Geografia no Brasil, no período de 2001 a 2020, no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), mantiveram um ritmo de continuidade ininterrupta a partir de 2012. Há, nesse contexto, o pressuposto de que os Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares, com primeiras edições bienais, iniciadas em 1995, e em continuidade até a presente investigação, contribuíram para o aperfeiçoamento e consolidação das pesquisas no campo, para a diversificação conceitual dos trabalhos e, conseqüentemente, para a ampliação de procedimentos metodológicos.

Além disso, é possível supor que a ocorrência sistemática dos eventos possibilitou maior difusão de trabalhos a serem realizados, tanto no contexto do ensino superior, quanto no das escolas de educação básica no país. A leitura do material apontou, por fim, a necessidade de ações que estimulem o conhecimento dos professores a respeito da linguagem cartográfica e da cartografia escolar para que as práticas escolares que contemplem tais proposições, ou enunciados, sejam ampliadas no ensino de Geografia.

NOTAS

4 Aguiar (2006) afirma que Cláudio Ptolomeu foi o primeiro organizador de uma espécie de atlas, ou seja, ele teve o propósito de produzir uma coleção de mapas, apesar de que esse material não era assim denominado.

5 Importante destacar que apesar das dissertações de Amorim (2003) e Felbeque (2003) terem sido defendidas no período compreendido por essa pesquisa, ambas não apareceram na busca realizada no BDTD. Portanto, nessa plataforma apareceram apenas 23 trabalhos, entre teses e dissertações.

6 Analisando os atlas é possível identificar que se enquadram na primeira categoria os atlas de Limeira, Ipeúna, Sumaré, Rio Claro e Maringá. Com relação à segunda categoria se aproximam os atlas do Rio de Janeiro, Santa Maria e Sorocaba.

7“Enquanto numa direção (o vai) a rede colaborativa de trabalho atuava como fonte de saberes e fonte legitimadora de discursos dos professores em suas práticas pedagógicas e no cotidiano escolar; noutra direção (o vem), aparentemente contraditória, mas complementar, a rede colaborativa de trabalho era receptora de conhecimentos desestabilizadores de alguns discursos manifestados na rede pelos tutores e coordenadores, cujas fontes legitimadoras estavam nos fazeres e saberes pedagógicos dos professores em sala de aula” (GONÇALVES, 2006, p. 131).

8 Móta (2007), em sua dissertação de mestrado, propõe o estudo do lugar com alunos de Ensino Fundamental a partir de imagens de satélite. Nesse caso, utiliza um aplicativo denominado Axion 3D World Atlas.

9 Nesse grupo foram incluídos os trabalhos sobre “[...] atlas escolares, maquetes, cartografia multimídia, mapas e internet, educação à distância, sensoriamento remoto e geoprocessamento” (ALMEIDA; ALMEIDA, 2014, p. 889). A partir disso, as professoras fizeram um cálculo da distribuição dos trabalhos por grupo, apresentando

uma porcentagem relativa a cada um deles por edição. Nesse caso, esse terceiro grupo, denominado “Tecnologias e produção de materiais didáticos cartográficos” representou as seguintes proporções em cada uma das edições do colóquio: I (100%), II (38%), III (30%), IV (43%) e VI (41%). Mesmo que esse bloco não represente apenas os trabalhos sobre atlas escolares, apesar de esses serem a maioria, como apontam Almeida e Almeida (2014), é possível perceber a relevância dessa temática no campo da cartografia escolar no Brasil, principalmente dos atlas locais ou municipais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. B. **Atlas geográfico escolar**. 1996. 253 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 1996.
- ALMEIDA, R. D. Atlas municipais elaborados por professores: a experiência conjunta de Limeira, Rio Claro e Ipeúna. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, p. 149-168, ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n60/17272.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- ALMEIDA, R. D. (org.). **Cartografia escolar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014. 224 p.
- ALMEIDA, R. D. Desenvolvimento de atlas municipais escolares. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 139-143, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/14137>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- ALMEIDA, R. D. The development of school atlases based on action research with elementary schools. **International Research in Geographical and Environmental Education**, v. 12, n. 4, p. 364-369, 2003b. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10382040308667549?journalCode=rgee20>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- ALMEIDA, R. D; ALMEIDA, R. A. Fundamentos e perspectivas da cartografia escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, n. 63, v. 4, p. 885-897, jul./ago. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/44689/23703>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- AMORIM, A. N. C. **Um atlas escolar municipal interativo como recurso pedagógico no 2º ciclo do ensino fundamental**: estudo de caso do atlas escolar de Brumadinho, MG. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.
- ANDRÉ, M. *et al.* Estado da arte da formação de professores no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 20, n. 68, p. 301-309, dez. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/TJLC6dqDhsWxMMmYs8pkJJy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2020.
- BAUZYS, F. **Proposta para confecção de atlas municipal escolar digital**: estudo de caso: município de Florianópolis-SC. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186884>. Acesso em: 02 out. 2020.
- BUENO, M. A. **Atlas escolares municipais e a possibilidade de formação continuada de professores: um estudo de caso em Sena Madureira/AC**. 2008. 152 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/287031>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- BUENO, M. A., BUQUE, S. L. Cartografia escolar e atlas municipais Brasil/Moçambique:

o estudo do espaço local e a formação de professores. **Revista Interface**, n. 10, p. 96-111, dez. 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/interface/issue/archive>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CAMARGO, P. E. B. **Aqui, ali e acolá: caminhos e experiências do ensino do lugar em práticas docentes**. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95740/camargo_peb_me_rela.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 set. 2020.

CATANI, D. B.; FARIA FILHO, L. M. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT história da educação da ANPEd (1985-2000). **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 113-128, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gh7nGVYpKmbGjShVFSSB8Bv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

CAVENAGHI, A. J. O atlas do império do Brasil e as representações existentes no livro “História da vida privada no Brasil - Império: a corte e a modernidade nacional”. **Projeto História**, v. 41, p. 383-403, 2010. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/6546>. Acesso em: 08 jan. 2021.

CAZETTA, V. As nove edições do Colóquio de cartografia para crianças e escolares e suas agonísticas. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 159-179, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/13363>. Acesso em: 21 jan. 2021.

CIROLINI, A. **Atlas eletrônico e socioeconômico sob a perspectiva da cartografia escolar no município de Restinga Seca, RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9278> Acesso em: 04 out. 2020.

COSTA, C. F. **Leitura e escrita no contexto da cartografia e da geografia escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2020. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/202407>. Acesso em: 21 jan. 2021.

COSTA, C. F. **Representações do município de Rio Claro-SP: uma leitura da cartografia infantil**. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/134076>. Acesso em: 21 jan. 2021.

FARIA, M. C. C. **A pesquisa participante na elaboração de atlas escolar: a experiência do atlas de Apucarana-PR**. 2015. 212 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015. Disponível em: <https://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/cathedra/05-01-2016/000855765.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

FELBEQUE, R. **A cartografia no ensino fundamental no Brasil e no Québec/CA: o atlas escolar como um instrumento para o desenvolvimento do potencial didático da cartografia**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

FELBEQUE, R. Atlas escolares: uma análise das propostas teórico-metodológicas. **Boletim de Geografia**, v. 19, n. 2, jul. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/14108>. Acesso em: 05 dez. 2021.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**,

ano 23, n. 79, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

GOMES, P. C. C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, 158 p.

GONÇALVES, A. R. **Os espaços-tempos cotidianos na geografia escolar: do currículo oficial e do currículo praticado**. 2006. 204 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/104466>. Acesso em: 17 set. 2020.

GRACIOLI, J. M. A. **Multiletramentos e leitura de mapas no ensino de geografia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/bitstream/tede/451/5/Dissert%20Jeferson%20M%20A%20Gracioli.pdf> Acesso em: 02 out. 2020.

HONDA, J. D. S. **Políticas curriculares e atlas escolares municipais: contribuições para o estudo do lugar**. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7965>. Acesso em 11 ago. 2020.

LE SANN, J. G. Do lápis à internet: reflexões sobre mudanças teórico-metodológicas na elaboração de atlas escolares municipais. **Boletim de Geografia**, v. 19, n. 2, jul. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/14085>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LIMA, A. S. **Atlas escolar de Sumaré (SP): os saberes produzidos nas práticas pedagógicas cotidianas de uma professora do 4º ano do ensino fundamental**. 2013. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/95552>. Acesso em: 17 set. 2020.

LOCALI, R. **Práticas docentes sobre ensino do lugar e cartografia escolar no contexto de uma pesquisa colaborativa: processos de uma construção**. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/95681>. Acesso em: 02 out. 2020.

MACHADO-HESS, E. S. **Uma proposta metodológica para a elaboração de atlas escolares para os anos iniciais do ensino fundamental: o exemplo do município de Sorocaba-SP**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12062013-100702/pt-br.php>. Acesso em: 02 out. 2020.

MARTINELLI, M. As cartografias e os atlas geográficos escolares. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 251-260, out. 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6568/3568>. Acesso em: 12 dez. 2020.

MARTINELLI, M. Um atlas geográfico escolar para o ensino-aprendizagem da realidade natural e social. **Portal da Cartografia**. Londrina, v. 1, n. 1, p. 21-34, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia>. Acesso em: 08 ago. 2020.

MARTINS, T. J. **Atlas municipal escolar de Ourinhos em versão digital: uma proposta de geovisualização**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147054>. Acesso em: 15 set. 2020.

MELO, A. A. M. **Atlas geográfico escolar: aplicação analógica e digital no ensino**

fundamental. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 2006.

MILENA, A. P. M. **O uso das tecnologias da informação e comunicação no ensino de geografia:** aplicação da página protótipo Desenvolvimento Urbano do atlas municipal escolar de Ourinhos. 2015. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015. Disponível em: <https://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/cathedra/03-05-2016/000864096.pdf> Acesso em: 02 out. 2020.

MIRANDA, S. L. Atlas escolares municipais: a moda e os professores. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, p. 231-245, ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jan. 2021.

MÓTA, P. N. **O estudo do lugar a partir do uso de imagens de satélites com alunos de 4ª série do ensino fundamental.** 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências, Santa Maria, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9481?locale-attribute=en>. Acesso em: 17 set. 2020.

NUNES, J. G. **#Somosmario: identidade, território e cultura - O que o ensino da Geografia tem a ver com isso?** 2018. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181082>. Acesso em: 02 out. 2020.

OLIVEIRA, L. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. *In*: ALMEIDA, R. D. (org.). **Cartografia escolar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 15-41.

OLIVEIRA, A. R. O uso de atlas municipais escolares e as formas de construção do conhecimento em sala de aula: analisando situações de ensino. **Cad. CEDES**. Campinas, v. 23, n. 60, p. 218-230, ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Qd8swrx4K5Hv7kFWbnv4Mxw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

PINHEIRO, A. C. **O ensino de Geografia no Brasil:** catálogo de dissertações e teses (1967-2003). Goiânia: Editora Vieira, 2005, 285p.

PUCHALSKI, S. **(Carto)grafias do lugar:** a cidade de Figueira/PR na geografia escolar. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Londrina, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000230470>. Acesso em: 23 ago. 2020.

RÉGIS, T. C. **Um estudo para elaboração de Atlas Municipal na perspectiva da educação geográfica inclusiva: o atlas adaptado do município de Florianópolis.** 2016. 267 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2016.

RODRIGUES, Í. F. S. **Atlas para ensinar e aprender geografia:** o que faz deles escolares na construção do raciocínio geográfico. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9146>. Acesso em: 02 out. 2020.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116275004.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SANTOS, F. A. S. F. G. **O ensino da linguagem cartográfica nos anos iniciais do ensino fundamental I:** uma experiência com professores e alunos. 2014. Tese (Doutorado

em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17122014-101008/pt-br.php>. Acesso em: 02 out. 2020.

SILVA, K. A. **A formação continuada de professoras do ensino fundamental I, a partir do atlas escolar municipal de Trindade (GO)**. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3869>. Acesso em: 02 out. 2020.

VIEIRA, J. A. **Atlas escolar municipal de Rio do Fogo: instrumento didático para o estudo da linguagem cartográfica**. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28957>. Acesso em: 17 set. 2020.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em: 15 out. 2020.

WARDE, M. J. A Produção discente dos programas de pós-graduação em educação no Brasil (1982-1991): avaliação e perspectivas. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO-ANPEd; CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO-CNPq. Avaliação e perspectivas na área de educação: 1982-91*. Porto Alegre: ANPEd; 1993. p. 51-81.